

Se Castillo ganha, a direita tentará desestabilizar

Via [Jacobin América Latina](#)

Hoje, domingo, assistimos a uma eleição histórica no Peru, onde Pedro Castillo, um popular professor de esquerda, e Keiko Fujimori, o representante de um dos momentos mais violentos do neoliberalismo no país, se enfrentam no segundo turno. A grande surpresa é sem dúvida Castillo, que está liderando as pesquisas e tem aterrorizado a direita nacional e internacional, assim como a mídia, .

Na véspera das eleições Jacobin entrevista a socióloga Anahí Durand Guevara. No primeiro turno, Anahí serviu como chefe do plano do governo de Juntos pelo Peru e continua como secretária de relações internacionais do partido Nuevo Perú da ex-candidata Verónica Mendoza. Ela também é membro da equipe técnica do Peru Libre do candidato Castillo.

O que representa Castillo em termos políticos e sociais, e como foi possível seu surgimento, o que foi uma surpresa para todos?

Creio que este segundo turno tornou mais claro o que Castillo expressa e representa. Penso que ele representa as grandes maiorias do país que estão insatisfeitas com a forma como a política, a economia e a sociedade peruanas têm sido administradas nos últimos anos. É a expressão do mal-estar e da rejeição da classe política. Mas, ao mesmo tempo, é também a esperança de que alguém como qualquer outra pessoa, um professor, um camponês agricultor, alguém do povo, possa chegar ao governo. E a confiança de que essa pessoa, por causa de quem é, pode fazer as mudanças que os governos anteriores não ousaram fazer.

Assim, por um lado, ele expressa este efeito de rejeição do regime, do establishment. Também estamos vindo de uma crise muito profunda, uma crise geral da sociedade. E aí vem a outra questão, esta candidatura não pode ser explicada sem o terremoto da Odebrecht e a crise de corrupção que ela revelou e pela qual o ex-presidente Kuczynski se demitiu. Este foi um terremoto político.

Por outro lado, o outro terremoto que vivemos é a pandemia. Há alguns dias os números foram atualizados e vemos que um em cada 200 peruanos perdeu um membro da família ou alguém muito próximo a eles, inclusive eu mesmo. É terrível, praticamente ninguém aqui tem alguém que não tenha morrido. E junto com isto há as consequências econômicas que tudo isto implica.

Esta candidatura explica o que vivemos, a rejeição desta gestão desastrosa e a identificação com alguém que encarna e expressa todo este mal-estar. E acredito que aí reside a diferença com mais candidaturas programáticas como a que tentamos organizar em Juntos por el Perú, muito concentrada nas propostas e em como desenvolvê-las, diante de um povo que não queria ouvir isso neste momento, mas que queria alguém como eles, que caminha como eles, que está perto deles, que diz: "esta pandemia está nos matando de fome", e sai para fazer campanha a pé ou a cavalo. Acho que não foi isso que a direita não viu, nem a grande mídia... nem um bom setor da esquerda urbana.

É um fenômeno muito interessante que tem antecedentes em nossa história recente, pois desde 2006 houve um voto crítico contra o neoliberalismo, contra o sistema que foi imposto em 1992. Esse voto crítico foi orientado para Humala em 2006, com 20/21%, insistiu com Humala em 2011, quando ele conseguiu vencer e traiu, e ainda em 2016 também foi expresso em Verónica Mendoza, que teve quase 19% dos votos. Este 2021 esta votação foi orientada para Castillo que vai para o segundo turno com 19%. Portanto, há um voto consistente contra o modelo que tem estado lá e nestas circunstâncias de crise

generalizada, de agitação, de tragédia, está apostando no candidato mais anti-establishment.

A campanha da direita contra Castillo é muito agressiva. Teve resultados?

Penso que estas eleições também mostraram a desconexão da direita peruana com o país. Eles já vinham de uma crise muito forte; eles estavam divididos em quatro candidaturas. Os grupos de poder não imaginavam que Keiko seria a candidata, a pior candidata para o segundo turno por causa da rejeição que ela tem. Seria outra história se Hernando de Soto estivesse agora. Essa foi a principal aposta das classes dominantes. Ou Forsyth, um cara jovem e novo, que eles viram, mais ou menos, como o Bukele peruano. Mas não, quem passou foi a Keiko com muito poucos votos.

Portanto, acho que Keiko não só foi sua pior representante no segundo turno, como também não viram Pedro Castillo, enquanto estavam concentrados em atacar Verónica Mendoza, com uma contra-campanha brutal, acreditando que ela era a candidata que iria chegar ao segundo turno.

O primeiro turno foi muito difícil, todos os meios de comunicação se alinharam contra a Vero, enquanto Castillo avançava na zona rural. É uma subida que se deu nas últimas semanas. E eu acho que a direita não o viu e ainda o está processando. Sua desconexão com o mundo popular, com as exigências do povo de baixo os cega e alimenta todos os seus fantasmas, porque ele é um professor rural e está concorrendo como candidato de um partido regional que se autodenomina marxista-leninista como o Perú Libre. Para eles, ele é a encarnação de todos os seus medos. E aqui eu acho que, longe de se abrir ao diálogo, para entender o que está acontecendo, eles optaram pelo que a direita peruana sabe fazer, o que é bastante torpe: estigmatizar e ligar todos os oponentes com o terrorismo do Sendero Luminoso. É claro, com muito dinheiro e com muita presença da direita internacional. Temos Leopoldo

López aqui agora por quase uma semana.

E bem, há uma guerra desencadeada ao longo de toda a linha, com todos os poderes alinhados, usando o comunismo como a expressão de todos os males possíveis. Essa tem sido sua estratégia: como acusar Chavismo ou terrorismo não funciona mais muito, eles encontraram no comunismo, aquele “significante vazio” no qual identificar todos os males. Assim, o comunismo é a expropriação de sua banca de alimentos, a expropriação de suas pensões, que eles enviarão seus filhos para Cuba e Venezuela, e é isso que eles espalham nos setores populares, é isso que a mídia diz, todos os dias. Portanto, sim, há uma implantação muito brutal.

Como o voto para Keiko Fujimori e Pedro Castillo é distribuído regionalmente?

Nas últimas décadas, regiões dos Andes do sul, como Cusco, Puno, Arequipa e Tacna, votaram consistentemente a favor das opções de mudança, pelas opções críticas do modelo. Isto é explicado se levarmos em conta o impacto do padrão de crescimento extrativista no país: estas áreas são onde se encontram os recursos naturais que o Peru exporta (cobre, gás, por exemplo) e são as mais empobrecidas. Portanto, aí você tem uma evidente contradição que a população vê como injusta e que deve ser mudada. Creio que este voto crítico no sul andino tem sua base na redistribuição de recursos na despossessão das comunidades camponesas. Houve mobilizações muito fortes contra a contaminação da mineração, por exemplo em Cuzco, em Arequipa contra o projeto de mineração Tia Maria, em resumo... esta é a área que concentra o voto duro para Castillo. No leste, na Amazônia, é também um pouco como esta regularidade. Onde o voto para Keiko Fujimori e a ala direita está mais concentrado é em Lima, o que é preocupante porque Lima, junto com as cidades do norte, é uma das cidades com a maior concentração populacional.

Então essa é um pouco a situação: as grandes cidades do norte

– Lima, Chiclayo, Trujillo, Piura – centros urbanos que concentraram muita população migrante, também são mais permeáveis aos discursos da mídia, que é onde a ilusão de crescimento via consumo tem sido a mais prevalente. Além disso, se olharmos para as pesquisas, o voto da Keiko é um voto duro “com consciência de classe”, eles são principalmente os setores A e B. E há um setor que está em disputa nas cidades, que é o setor emergente, que depende muito do crescimento macroeconômico, via consumo, economia de serviços, etc., e que agora teme o que pode mudar, embora tenha sido atingido pela pandemia. Portanto, acredito que esta é a distribuição territorial do voto e a disputa aberta para as cidades que concentram a maior população. Essa tem sido a luta nestas semanas, nestes meses, especialmente no segundo turno, em como dissipar os medos do eleitorado urbano e do norte de Lima.

Como a esquerda em geral, e o espaço em torno de Verónica Mendoza em particular, responderam à surpresa que Castillo representou e qual foi sua atitude em relação ao chamado à unidade?

No Nuevo Perú sabíamos que havia um bolsão eleitoral à nossa esquerda, digamos mais “esquerdista”, não em termos ideológicos, mas com uma impressão mais popular que não estava contida em nossos eleitores. Em 2016, Verónica obteve 18% e outro candidato, Gregorio Santos, obteve 4% e nos deixou de fora do segundo turno. Já tínhamos essa experiência e sabíamos que, além disso, no contexto da crise, era necessária uma ampla articulação de esquerda. Não podíamos ir em três ou quatro partes, a direita já estava fragmentada e era muito importante que nos articulássemos, por exemplo, em torno da demanda de uma Assembleia Constituinte

Desde 2018/19, iniciamos um diálogo com o Perú Libre, com Juntos por el Perú, também com diferentes forças sociais, para poder formar um bloco eleitoral comum. Infelizmente a unidade

não aconteceu devido basicamente a questões administrativas e fomos em três candidaturas de esquerda, Vero que foi vista com mais expectativa, Peru Libre com Pedro Castillo e a Frente Ampla com Marco Arana que foi reduzida a sua expressão mínima. Uma vez que os resultados chegaram, retomamos a comunicação, partindo da avaliação de que concordamos com Pedro Castillo neste horizonte de mudanças profundas que inclui o processo constituinte. Concordamos nesse ponto e também em questões programáticas, por exemplo, a mudança do modelo econômico, a nacionalização de recursos, a redistribuição, a reforma tributária, entre outras. Neste contexto, finalmente Veronika e Pedro Castillo assinaram um acordo que redigimos juntos, em um evento muito agradável e unitário. A partir de então, concordamos em colaborar neste segundo turno. Ainda não fizemos nenhum acordo governamental, o objetivo é vencer neste momento, fechar o caminho para o neoliberalismo e levar adiante estas propostas de mudança.

Se Castillo vencesse, qual seria o papel tanto da esquerda, que ainda não tem um acordo pleno de governo com Castillo, quanto dos movimentos sociais?

Há várias questões em sua pergunta. Por exemplo, nos movimentos sociais existe a questão do feminismo, e o gênero tem sido um ponto muito importante na confluência, porque Castillo e Perú Libre não têm se caracterizado por sua postura crítica contra o sistema patriarcal. Castillo é uma pessoa do povo com tudo o que implica, ele tem uma família evangélica, ele é conservador nesse aspecto... Eu acho que há uma tarefa aí, da esquerda, assumir que isso será um processo de disputas diversas e o triunfo de Castillo não vai garantir todas as mudanças que gostaríamos.

Temos que ter claro que há muitos interesses em jogo e que haverá várias estratégias da direita de interromper este processo de mudança. Creio que eles vão tentar cooptá-lo, como fizeram com Fujimori, salvando as diferenças, assim como o

próprio Humala, que também veio muito radical, apareceu em fotos com Lula e Chávez e seis meses depois ele já estava alinhado com a câmara de empresários. Portanto, eu acho que uma estratégia da direita se Castillo ganhar será tentar cooptá-lo. Se não conseguirem, tentarão um boicote, uma fuga de capitais, um bloqueio no Parlamento, aproveitando o fato de que a esquerda não tem maioria. Será um cenário difícil, a direita tentará muitas estratégias para desestabilizar e tentar deter mudanças fundamentais. É por isso que é importante articular forças progressistas que possam sustentar este processo de mudança, que possam se conectar com a população, porque será necessária uma população mobilizada e comprometida.

Um primeiro eixo desta linha será a questão constituinte. A população entendeu que muitas das mudanças estão ligadas à Constituição, porque aqui o que o neoliberalismo fez foi constitucionalizar o modelo, como no Chile. Portanto, acredito que este primeiro passo da Assembleia Constituinte via referendo pode mobilizar as forças democráticas e progressistas e, ao mesmo tempo, abrir um debate cidadão.

A última pergunta, um pouco especulativa, como você imaginaria o papel do Peru na América Latina se Castillo vencesse?

Penso que, geopoliticamente falando, o que acontece no Peru é fundamental. Tivemos a vitória de Arce na Bolívia, o que nos devolveu um pouco de esperança de que um bloco latino-americano pudesse ser consolidado novamente. Então os resultados a favor da direita no Equador nos mostraram que este ainda é um cenário disputado. Neste contexto, uma vitória para Keiko o alinha novamente à direita e uma vitória para Castillo abre novamente a possibilidade de um cenário regional mais progressivo, menos subordinado aos mandatos de Washington, com uma perspectiva continental, com o México e a Argentina.

Estas eleições poderiam remodelar um pouco a região e acho que

é assim que a ala direita também a entende. Essa é a razão da presença de Leopoldo López e das vozes de Vargas Llosa na Espanha com seus aliados. O que acontece no Peru pode ser decisivo para o que acontece na Colômbia, que tem eleições no próximo ano, e no Chile, que tem eleições em novembro, onde há um processo muito esperançoso em termos de uma Assembleia Constituinte plurinacional, baseada na paridade, com uma forte presença de forças progressistas de mudança.

O Peru é um país que, juntamente com a Colômbia, foi alinhado com os Estados Unidos e o neoliberalismo; aqui temos oito bases militares americanas, desculpadas pelo argumento da luta contra o tráfico de drogas. A possibilidade de vencer abriria a possibilidade de ter muito mais espaço para a soberania, para a integração, o que nos ajudaria a resolver problemas tão concretos como a enorme demora na vacinação no Peru. Castillo, por exemplo, discutiu com o presidente da Argentina e com a Rússia a possibilidade de ter uma estratégia internacional de vacinação que não esteja sujeita a questões ideológicas, ao contrário de Carlos Neuhas que disse que só confiava na ciência ocidental, e nos deixou sem a vacina Sputnik. Portanto, sim, eu acho que geopoliticamente há muito em jogo aqui e os países devem estar atentos ao que acontece no domingo.